



## Dossiê Psicanálise em tempos difíceis: a clínica como objeto de resistência ao sofrimento e à dor

### Manejo transferencial e tempo lógico na era do neoliberalismo

## Transference management and logical time in the neoliberal era

 Rosangela Vernizi

 Rosane Zétola Lustoza

**Resumo:** Este artigo busca contribuir para uma reflexão sobre o impacto do imperativo de aceleração e produtividade na direção de tratamento, especialmente no que diz respeito ao manejo transferencial. Para isso, propõe-se um breve percurso sobre as transformações ligadas ao capitalismo e seus efeitos sobre a subjetividade, ao destacar o modo como as exigências típicas do neoliberalismo afetarão os pacientes que recorrem ao tratamento. A seguir, são examinados os desafios ao manejo transferencial na prática psicanalítica, particularmente no que diz respeito ao uso do tempo lógico, concluindo assim, que as demandas contemporâneas exigem do analista um manejo criterioso do tempo para não ceder de seu desejo de analista.

**Palavras-chave:** tempo lógico; transferência; neoliberalismo; desejo do analista; Jacques Lacan.

### Abstract

This article seeks to contribute to discussions on the impact of the imperatives of acceleration, and productivity on the direction of treatment, especially regarding transference management. To this end, a brief exploration is proposed regarding the transformations associated with capitalism and their effects on subjectivity, with particular emphasis on how the typical demands of neoliberalism affect patients seeking treatment. Subsequently, the challenges of transference management in psychoanalytic practice are examined, especially concerning the use of logical time. It is concluded that contemporary demands require the analyst to exercise careful management of time so as not to compromise their desire as an analyst.

**Keywords:** logical time; transference; neoliberalism; analyst's desire; Jacques Lacan.

*Eros [...], este deus não caminha sobre terra, nem sobre crânios, [...]  
Marcha e repousa sobre as coisas mais tênues que há, e aí faz sua casa.  
Constrói sua morada nos corações e nas almas dos deuses e dos homens.  
Não em todas as almas, é preciso dizer: quando encontra espíritos  
endurecidos, retira-se, e habita apenas os que são doces  
(Platão, O Banquete, p. 129)*

## 1. Introdução

Em diversos momentos históricos, a psicanálise se posicionou de modo subversivo e transgressor por escutar pacientes que apresentavam sintomas considerados nocivos ao desenvolvimento e bom convívio social. Desde a descoberta freudiana, tais sintomas passaram a ser reconhecidos como portadores de uma verdade, e não como desvio ou doença.

O sintoma é porta voz de uma verdade singular, porém também deve ser lido como resposta do sujeito a uma condição histórica e social determinada; não desvinculada, portanto, de uma dada época da civilização. Muitas vezes acusada injustamente de ser um tratamento individual ou privatista, a psicanálise entende na verdade que o sujeito somente pode se constituir através do Outro. Desse modo, a psicanálise não se posiciona apenas como uma terapêutica do sujeito, mas como um campo teórico-clínico da relação dele com a civilização.

Sabe-se que a Psicanálise surgiu no final do século XIX e início do XX, portanto ainda na era do capitalismo industrial. Desde então, a aliança entre o modo de produção capitalista e os avanços técnico-científicos se acelerou, promovendo impactos de grande monta na vida quotidiana. A financeirização do capital encontrou na ideologia neoliberal uma aliada importante, de um lado maximizando as condições de acúmulo de capital, por outro espoliando intensamente a classe trabalhadora. Isso levou os analistas ao confronto com novas questões em sua prática quotidiana, sobretudo por um imperativo de urgência e aceleração que comparece não somente em nossas vivências diárias, como também na escuta clínica.

A potencialização da exploração sob a égide da doutrina neoliberal se materializa na vida dos sujeitos sob a forma do imperativo de urgência, que causa mal-estar e os leva a se objetificarem. Um fenômeno clínico frequentemente observado é um tipo de dificuldade nas relações sociais em que estas se tornam instáveis e fluidas, ao qual se encontra associada também uma perda de elaboração da experiência vivida dessas relações. Esses sujeitos sempre priorizam ganhar tempo, agem e vivenciam com extrema rapidez fatos importantes ou corriqueiros, e evitam ao máximo narrativizar

suas experiências, trazendo em seus discursos falas que objetivam de modo direto e conciso demandas que reproduzem esses imperativos.

O filósofo Byung-Chul Han (2018) já havia descrito como o neoliberalismo engendrou um indivíduo que se posiciona como empresário de si mesmo: ao passo que na representação marxista clássica temos o conflito entre empresário e trabalhador, aqui o conflito é apagado pela imagem de um trabalhador que explora a si próprio. Entregue à própria sorte, o sujeito se encontra num dilema, pois além de ser o total responsável pela produção, ele próprio se esvai ao se consumir nessa própria produção. São sujeitos em sofrimento, que se esquivam em reconhecer e nomear seu estado de sofrimento, de tal modo que “a forma de vida neoliberal descobriu que se pode extrair mais produção e mais gozo do próprio sofrimento” (Safatle, Silva Junior e Dunker, 2021, p. 10).

Desse modo, a clínica contemporânea apresenta desafios significativos aos psicanalistas, pois o analista é confrontado com demandas que impõem à relação transferencial uma posição que responda com resultados imediatos. Isso exige do analista um manejo cuidadoso e atento ao desejo de analista na direção de tratamento.

O objetivo deste artigo é contribuir com uma reflexão acerca de como os imperativos de aceleração, urgência e produtividade de nossa atualidade incidem na direção de tratamento, sobretudo quanto aos desafios ao manejo transferencial. Para tanto, pretende-se fazer inicialmente um breve percurso sobre as transformações do capitalismo de nossa época, com o objetivo de fornecer um contexto, graças ao qual torna-se possível pensar o imperativo da aceleração que acossa os sujeitos hoje. A seguir, investigaremos como se apresenta o imperativo de aceleração na clínica e os desafios que este representa para o manejo transferencial. Uma vez que o psicanalista não existe fora de um modo de produção específico e que também é vulnerável ao imperativo da aceleração, questionaremos se a concepção lacaniana do tempo lógico não pode acabar servindo como aliada da subjetividade neoliberal.

Frisemos aqui que o referencial de leitura principal do artigo são as obras de Freud e Lacan. Portanto, não se trata de criticar o conceito de tempo lógico, mas de tentar demonstrar que ele tem uma potência subversiva que pode ser apagada quando o analista compactua com as demandas neoliberais de produtividade.

## **2. As transformações do capitalismo e suas incidências sobre a subjetividade**

Nesta seção do trabalho, faremos uma breve exposição sobre as mudanças estruturais responsáveis pela transição do capitalismo industrial para o capitalismo financeiro. Na sequência,

explicaremos como o neoliberalismo surgirá como uma política perfeitamente alinhada aos interesses do capital financeiro. Por último, mas não menos importante, extrairemos as consequências disso para a subjetividade.

Ladislau Dowbor (2017) explica brilhantemente em seu livro *A era do capital improdutivo* como o processo de acumulação de capital acelerou exponencialmente na etapa atual do capitalismo. Uma das formas desse crescimento se expressa no fato de que as empresas foram se aglutinando em conglomerados cada vez maiores, que se caracterizam pelo controle de todas as etapas da cadeia produtiva, desde a produção da matéria prima até sua comercialização, passando evidentemente pelas etapas intermediárias de transporte e distribuição. Esse fenômeno de concentração de recursos econômicos pelas grandes corporações não atinge somente produtos específicos, abarcando também um leque sortido que pode variar entre ramos completamente distintos, indo das *commodities* até a indústria do entretenimento por exemplo.

A extrema concentração de recursos nas mãos de poucos é ensejada não somente por essa prática de formação de trustes, mas também por uma série de outros mecanismos, tais como a cartelização – combinação entre empresas para formar preços, dividir mercados etc. –, o *dumping* – venda abaixo do valor do mercado para eliminar a concorrência –, entre outras. O resultado disso é muito destoante da utopia liberal de um mercado em que a concorrência é livre. Segundo Dowbor (2017), oito indivíduos são donos de mais riquezas do que metade da população mundial somada, o que lhes garante também um poder gigantesco sem precedentes:

Controlar de forma estruturada e hierárquica uma cadeia produtiva gera naturalmente um grande poder econômico, político e cultural. Econômico, pelo imenso fluxo de recursos, maior que o PIB de numerosos países. Político, pela apropriação de grande parte do aparelho do Estado. E cultural, pelo fato da mídia de massa mundial criar, com pesadíssimas campanhas publicitárias, uma cultura de consumo e dinâmicas comportamentais que lhes interessa, gerando boa parte dos problemas globais que enfrentamos. (Dowbor, 2017, p. 39)

Uma vez que a maioria dos Estados possui enormes dívidas públicas, eles se tornaram reféns das grandes corporações, que por sua vez se tornaram detentoras de um poder de influência sem precedentes. O neoliberalismo é, nesse contexto, uma política econômica alinhada aos interesses do complexo industrial-financeiro: ao defender um Estado enxuto, o que se visa é oferecer garantias de solvência aos credores privados.

As políticas neoliberais representarão um dismantelamento do Estado de bem-estar social e terão grandes consequências para a vida dos cidadãos dos países em que são implementadas. A diretriz do corte de gastos levará a um desmonte das políticas de proteção social da população

(Calazans, 2023), que se dará de várias formas combinadas: diminuição da oferta de serviços públicos, corte de verbas destinadas a políticas de promoção de igualdade, restrições às políticas de redistribuição de renda, redução do valor das aposentadorias, perda de direitos trabalhistas.

O resultado é que os sujeitos não contarão com nenhuma rede de proteção social e se verão expostos a um desamparo absoluto. Sem ter a quem recorrer fora de si, a tendência será fechar-se no pequeno círculo do Eu, que para sobreviver precisará se tornar muito potente. Trata-se de um Eu que se compreende separado e alheio ao restante da sociedade, sobre o qual recairá todo o ônus da responsabilidade pelos seus fracassos ou sucessos.

A ideologia neoliberal se expressa assim não apenas como doutrina econômica, mas como uma máquina de formação de subjetividades. Segundo Byung-Chul Han:

A técnica de poder do regime neoliberal assume uma forma sutil. Não se apodera do indivíduo de forma direta. Em vez disso, garante que o indivíduo, por si só, aja sobre si mesmo de forma que reproduza o contexto de dominação dentro de si e o intérprete como liberdade. (Han, 2018, p. 44)

Ou seja, o neoliberalismo não atua reivindicando submissão ou obediência, ele vende justamente a ideia de que não existem impedimentos para que alguém possa ser o que é, operando o milagre de converter solidão e desamparo em liberdade.

O que as demandas e imperativos de nossa atual civilização colocam para o sujeito, sujeito este cidadão globalizado, gestor criativo e que tem que saber otimizar bem seu tempo e sua vida, é que é seu papel cívico atuar como responsável pela produção e como produto de si próprio.

Essa produtividade sem fim gera sofrimento, e importa frisar que esse sofrimento é considerado indigno, porque: se está criando, produzindo, colaborando com sua equipe, mas se você se mostrar em sofrimento, será considerado fraco e, conseqüentemente, produzirá menos e irá prejudicar muitos. E mais: você é o gerador de tudo que lhe concerne, então o seu sofrimento é pouco ou nada diante dos bens que você pode produzir e também consumir a partir do fruto de seu próprio trabalho. Isso faz com que o lucro ou o prejuízo sejam infinitos; mas claro, tudo depende de você, pois “a generalização da forma-empresa no interior do corpo social abriu as portas para os indivíduos se autocompreenderem como ‘empresários de si mesmos’ que definem a racionalidade de suas ações a partir da lógica de investimentos e retorno de ‘capitais’” (Safatle, 2021, p. 30).

Han (2018) explica como a clássica ideia marxista da exploração dos operários pela burguesia fica aqui mascarada, já que o sujeito se torna empreendedor de si mesmo. Se na descrição marxista havia uma clara oposição entre classe dominante e dominada, no neoliberalismo tudo se passa como

se os dois polos da relação desaparecessem, e junto com eles qualquer antagonismo. Se tudo depende do sujeito, somente ele pode explorar a si próprio.

O problema de tomar a si próprio como um centro de iniciativas do qual tudo depende, é que os infortúnios serão sentidos como sinal de fraqueza, impotência e debilidade. “Quem fracassa na sociedade liberal, em vez de questionar a sociedade ou o sistema, considera a si mesmo como responsável e se envergonha por isso” (Han, 2018, p. 16). O *locus* do problema será atribuído ao próprio Eu: “no regime neoliberal de auto exploração, a agressão é dirigida contra nós mesmos. Ela não transforma os explorados em revolucionários, mas sim em depressivos” (Han, 2018, p. 16).

Ao adentrar no tema da agressividade contra si, o autor parece ter vislumbrado uma importante questão. A agressividade que retorna contra o próprio sujeito é uma pista que sugere fortemente a presença de uma atividade superegoica, que cobra do sujeito exigências impossíveis e denuncia sua impotência em atingir esse ideal. Quando recorremos à literatura psicanalítica, alguns autores (Calazans e Matozinho, 2021 e Lima e Moura, 2024) apontam para esse fenômeno da melancolização no neoliberalismo:

As exigências da racionalidade neoliberal como diretrizes próprias do Eu, escondem o conflito entre Eu e Supereu e direcionam a agressividade a si como sentimento de culpa, para a formação de uma eterna insuficiência: impossibilidade de esgotar o aprimoramento de si e o excesso de individuação, que colocam os sujeitos como fim em si mesmo, resultando na humilde sujeição vista na melancolia. (Lima e Moura, 2024, p. 33)

Vale ressaltar que essa lógica não funciona somente ancorada em questões profissionais, segue para a vida dos sujeitos como um todo, abarcando também outras dimensões da nossa existência, como lazer, amizades e relacionamentos amorosos. Para todos nós, quando a vida não se sustenta contínua e rapidamente em termos crescentes de ganhos profissionais, financeiros ou abundância de eventos sociais, isso é entendido como fracasso, pois:

[...] é possível dizer que cada época prescreve a maneira como devemos exprimir ou esconder, narrar ou silenciar, reconhecer ou criticar modalidades específicas de sofrimento. [...] Em outras palavras, a forma como uma cultura escolhe nomear e narrativizar o sofrimento psíquico, [...] muda literalmente a experiência mesma de sofrimento. (Safatle, Silva Junior e Dunker, 2021, p. 12)

Assim, momentos naturais no ciclo de uma vida são vivenciados como derrota. Entende-se que uma sequência de dias em que não produzam algo que repercuta como ganho profissional ou social corresponde a uma vida estacionada.

Desde que o sistema de produção capitalista começou a proclamar a necessidade compulsiva do “fazer” e do “agir” como prova de uma “vocação natural” do homem (Baudrillard, 2014), a relação da subjetividade com a temporalidade vem mudando, o que faz com que imperativos de urgência e resultados tenham se tornado forças coercitivas que “definem uma outra ordem de relação da subjetividade com a temporalidade” (Birman, 2000, p. 27).

Tais reflexões oriundas das ciências sociais, da filosofia e da economia são muito relevantes no que tange a realizar uma contextualização maior do problema, porém a clínica da escuta tem de ir além da crítica social. Isso porque o analista deve acolher um mal-estar difuso e inominável, e deve fazer isso sabendo que esse mal-estar não pode ser corrigido ou retificado por uma crítica social, pois a posição do analista não se confunde com a do militante ou do professor, embora seja importante que o analista possa se informar sobre outras disciplinas.

Assim, articular clínica e crítica é ir “além de questões de cunho estritamente epistemológico” (Safatle, 2018, p. 11), e dedicar-se a refletir como um empobrecimento narrativo, uma deliberada falta de interesse em narrar sua ficção, de contar e enredar suas dores – falta essa marcada por uma pressa verbalizada como um imperativo, sempre constante, em se produzir mais e de modo mais eficaz e mais rápido – pode vir a afetar o manejo transferencial e, assim, acarretar obstáculos à direção de tratamento.

### **3. Imperativo de aceleração na esfera da transferência e dificuldade de manejo do tempo**

Nesta seção, iremos inicialmente discutir como o imperativo da aceleração aparece na clínica impondo desafios ao manejo pelo analista. Iremos a seguir discutir como a concepção do tempo lógico corre o risco de se constituir como resposta do analista ao imperativo, situando-a, portanto, como resistência do analista.

Conforme exposto anteriormente, é muito comum que os pacientes hoje em dia se apresentem à sessão pressionados por uma compulsão de rendimento e desempenho que contamina outras esferas da vida além do trabalho, passando o sujeito a se relacionar consigo mesmo de uma forma utilitarista, como se precisasse otimizar sua vida e como se fosse necessário computar seu gozo de forma produtivista. A novidade talvez não seja exatamente que o paciente chegue com questões urgentes, já que o sujeito chega sempre impelido pela premência de seu sintoma. A demanda de urgência não é problemática em si, mas o empobrecimento discursivo que esta posição acarreta.

O encurtamento ou a condensação das formas de linguagem que a pós-modernidade reserva ao sofrimento parece ter redundado também em redução da extensão e em mutação na qualidade da queixa, sob a qual opera o diagnóstico. Temos agora novas patologias baseadas no déficit narrativo, na incapacidade de contar a história de um sofrimento, na redução do mal-estar à dor sensorial. (Dunker, 2015, p. 33)

Sendo a regra fundamental da psicanálise a associação livre, esse livre muitas vezes vem sendo submetido ao que interessa. Claro que tudo que um sujeito traz em seu discurso tem incontestável importância e cabe ao analista o manejo, porém o ímpeto em acelerar para rapidamente responder às demandas produtivas da atualidade produz um discurso milimétrico e insistentemente calculado com vistas a obter dicas e instruções.

Para muitos sujeitos, o falar livremente é uma posição discursiva inútil, pois visam produzir um discurso proveitoso, que agregue um valor à sessão. Então, se a sessão leva a falar que brincou com o sobrinho por exemplo, isso não é importante, porque não é algo que vai trazer um ganho em termos produtivos, e, portanto, se está perdendo tempo (Vernizi, 2023, p. 11).

Assim, a direção de tratamento encontra obstáculos, pois há um reiterado imperativo de que seguir o fluxo num sentido de experienciar uma situação tal qual acontece na associação livre seja perigoso. Em vista disso, uma análise enquanto algo que atravessa e toca a verdade do sujeito aparece como uma ameaça, pois tira do caminho supostamente mais útil graças do qual se atingiria um determinado objetivo mais vantajoso para o Eu.

Como bem enfatiza Freud em seu texto de 1913 *Sobre o início do tratamento*, “é indispensável, e também vantajoso, estabelecer a regra nos primeiros estádios do tratamento” (Freud, 1913/1996, p. 150), pois “assegurar que o sujeito tenha condições de respeitar minimamente o dispositivo da associação livre não significa que ele esteja em análise, mas é um passo prévio a isso, uma condição de possibilidade do tratamento” (Lustoza, Cardoso e Calazans, 2014, p. 211).

Sendo a clínica psicanalítica uma *práxis* que lida com subjetividades em suas singularidades, subjetividades estas que não podem ser reduzidas ao seu sintoma, nem tampouco enquadrados em modismos ou imperativos que venham a responder a demandas de produção, é imprescindível ao analista estar atento à ética da psicanálise quanto à posição de analista.

No *Seminário 7* sobre a ética da psicanálise, Lacan (1959-1960/2008) insiste em tematizar o lugar do analista na direção de tratamento como um lugar que não cede, não recua justamente do desejo de estar nessa posição. Qual posição? A de estar na escuta e reconhecimento de que ali diante de si há um sujeito, que em transferência lhe outorga essa responsabilidade em conduzir uma direção

de tratamento. Tal direção evidencia uma posição de suporte na construção de um lugar que coloque o sujeito a viver segundo um desejo que lhe seja próprio, singular.

Esse viver segundo o próprio desejo não diz de um desejo enquanto vontade, ou seja, uma vontade a ser satisfeita, pois é sabido que um analista não deve ceder à demanda de seu analisando, mas é de extrema relevância a incidência de Eros nesta relação, a instituição do amor transferencial que sustenta e impulsiona a direção de tratamento na clínica psicanalítica.

A psicanálise começou do encontro entre Joseph Breuer e Anna O, a qual batizou a psicanálise de *talking cure* (Freud, 1893-1895/1996). A intensidade amorosa, ou seja, a pulsão erótica nessa relação clínica, mostrou-se atravessada por um componente novo, “a transferência, a chave da invenção desse novo método de tratamento, a novidade que caracterizava o método verdadeiramente psicanalítico” (Vernizi, 2019, p. 24), e que levou Freud a abandonar a hipnose e a estabelecer a transferência como mola propulsora indispensável ao tratamento psicanalítico. Breuer não conseguiu sustentar a intensidade da transferência e Freud, astuto, percebeu que esse sentimento amoroso e erótico, quando manejado, se instituiu como o liame imprescindível na relação analista e analisando, além de, “a partir do embaraço de Breuer, também notar o caráter paradoxal da transferência: ao mesmo tempo que é condição de uma análise, também pode emperrar, limitar” (Vernizi, 2019, p. 29).

Freud (1915/2020) enfatiza que a transferência, ao mesmo tempo que é o motor da análise, também produz a resistência. Apesar disso, a transferência é a única capaz de fazer destravar, de desobstruir os caminhos de obstáculos causados pela resistência, pois a transferência é “local de todas as resistências quando não são reconhecidas e analisadas” (Zygouris, 2013, p. 59).

Lacan (1966/1998) pontua que, em certa medida, a única resistência relevante na situação analítica é a resistência do próprio analista. Esse ponto toca diretamente na questão do nosso artigo. Se reconhecemos que há uma dificuldade de manejo relacionada ao imperativo da aceleração, não devemos esquecer que o analista também teria de ser pensado como partícipe do quadro que observa. Ou seja, teríamos de levar a sério a recomendação de Lacan e ficarmos advertidos quanto à possibilidade de estarmos nós também alienados ao discurso capitalista. Afinal, o analista não está fora ou acima do modo de produção capitalista, portanto está ele também suscetível a todos os condicionantes históricos que cercam a vida de seus pacientes.

Uma vez que o analista não está fora do regime capitalista, pode acontecer que, ao se encontrar incapaz de suportar o ônus de questões tão cruciais e pulsionais do sujeito, e ao sentir-se confrontado em sua própria posição de sujeito pela franca exposição aos conflitos de analisandos submetidos aos imperativos de aceleração, o analista pode vir a ser tomado por uma urgência em interromper o

processo, formulando uma interpretação resolutiva que subtrai um tempo necessário à elaboração, resultando assim em resistência.

O psicanalista certamente dirige o tratamento. O primeiro princípio desse tratamento, o que lhe é soletrado logo de saída, que ele encontra por toda parte em sua formação, a ponto de ficar por ele impregnado, é o de que não deve de modo algum dirigir o paciente. (Lacan, 1966/1998, p. 592)

É imprescindível ao analista uma escuta que não se deixa apressar, que não se deixa contaminar pelas demandas de produtividade da atualidade. É exatamente neste ponto que queremos introduzir uma interrogação pertinente sobre o conceito de tempo lógico. A interpretação corriqueira do tempo lógico o assimila à prática de sessões curtas. Sem negar o mérito dessa técnica em si, propomos que a interpretação do tempo lógico como a realização de um tempo breve de sessão pode levar o analista a se acumpliciar com o imperativo neoliberal da produtividade.

Estamos todos de acordo que às vezes um prazo põe fim a um trabalho, porém a ideia precisa ser examinada com cuidado. É claro que o corte pode ter inúmeras consequências positivas. Ele pode permitir a abertura de um tempo de ver, quando um paciente que antes estava indisponível para o trabalho analítico pôde finalmente se dar conta de algo que até então não havia apercebido. O corte pode também propiciar uma suspensão da convicção e conduzir a uma elaboração fora da sessão, permitindo que o trabalho de análise não se esgote no momento do encerramento. O corte pode finalmente autorizar uma conclusão que já está em curso. Tudo isso pode ser muito válido como uso do tempo lógico.

Porém, há um problema quando o analista entende que o tempo lógico de uma análise seja impreterivelmente um tempo breve, rápido, pois priorizar que o corte analítico se efetiva somente quando atua como um fim de sessão, pode vir a responder a imperativos de aceleração e assim ir de encontro à frequente demanda dos sujeitos em comprimir vivências e reduzir narrativas sobre sua história. Nesse caso, o corte pode representar sim uma resistência do analista, que se encontra respaldada por uma exigência do mundo social.

Na verdade, entendemos que a concepção do tempo lógico exclusivamente como prática da sessão curta é muito restrita. Independentemente do que fez Lacan na França do século XX, é preciso resgatar a potência do conceito de tempo lógico para além do encurtamento da sessão. O tempo lógico envolve uma montagem de 3 tempos: instante de ver, tempo de compreender e momento de concluir (Lacan, 1966/1998). Lacan quer justamente com isso se libertar de uma concepção do tempo linear e evolutiva, fazendo-o depender do ritmo conforme o qual caminha o discurso. Ao contrário das

aparências, o discurso não é de forma alguma uma seta que impele para frente: ele carrega camadas, equívocos, fixações, retroações, lacunas.

Assim, as demandas da atualidade exigem que o analista tencione sua escuta ao movimento temporal do discurso de seu analisando, com um manejo cuidadoso e atento a não ceder de seu desejo de analista na direção de tratamento, ainda que os imperativos de resultados presentes nas demandas de seus analisandos e no discurso corrente de nossa atual civilização venham lhe convocar.

Sendo “o fenômeno de transferência ele próprio colocado em posição de sustentáculo da ação da fala” (Lacan, 2010, p. 218), a transferência não é, portanto, provocada pelo analista – já que a suposição de saber dependerá de uma atribuição feita pelo sujeito –, mas é função do analista saber como utilizá-la, via manejo transferencial. Ou seja, o manejo da transferência só tem função na direção de tratamento e no *setting* analítico, e justamente por sustentar esta função que se configura de extrema relevância um analista assumir a responsabilidade em integrar a psicanálise ao contexto sociocultural que o cerca, pois é inadmissível conceber o sujeito do inconsciente sem considerar a estrutura que o molda, sem contemplar o real de seu tempo, as transformações sociais. Lembremos que Lacan (1953/1998, p. 322) afirmou que um analista deveria renunciar à prática da psicanálise quando “não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época”.

#### 4. Considerações finais

Nosso trabalho pretendeu discutir como o imperativo de aceleração e produtividade impacta a subjetividade de nossos pacientes hoje, impondo desafios ao manejo, dos quais destacamos especialmente o uso do tempo da sessão. Defendemos que o uso do tempo lógico pode ser feito, porém é necessário que o analista se ponha em alerta para que ele também não termine por consentir à lógica neoliberal do produtivismo exacerbado.

Não se trata de dispensar o recurso ao corte como ferramenta clínica, longe disso. Porém, como toda intervenção, o corte deve ser pensado relacionado ao diagnóstico no sentido amplo: não só o diagnóstico da estrutura clínica, mas do momento em que o caso clínico se encontra. Evidentemente, o que destacamos também é que o analista deve sempre estar aberto a se interrogar se o corte não estaria atendendo tão somente a um imperativo de produtividade; em caso afirmativo, a interrupção da sessão relevaria tão somente da contratransferência do analista, sem considerar a lógica do caso ou as necessidades do paciente.

Retomando a citação de Platão em epígrafe neste trabalho de que Eros “habita apenas os espíritos que são doces”, e pensando a partir da relação transferencial, é possível metaforizar que é

imprescindível que analistas sejam espíritos doces aptos a sustentar Eros, uma vez que uma clínica sustentada somente em preceitos teóricos já estabelecidos pelo cânone psicanalítico, corre o risco de não sustentar essa função erótico-amorosa transferencial que ampara o desamparo. Não há como desconsiderar que há um encontro marcado pela transferência, que acontece num tempo presente, evolui e caminha numa temporalidade própria da análise e que é simultaneamente afetada pelas mudanças na temporalidade cultural da época que nos concerne. Deste modo, como afirma Radmila Zygouris (2013, p. 59):

Levar em conta a transferência do analista é o instrumento mais precioso de uma análise. Tal qual uma bússola, é ela que o informa sobre sua relação com seu analisando em determinado momento. É nesse sentido que a frase de Ferenczi “o analista repete o crime” é tão esclarecedora, pois chama a atenção para o fato de que o analista é tomado na repetição da história de seu paciente e que atua no recalco desta.

Estamos todos de algum modo imersos e atravessados pelas aceleradas mudanças de nossa época, assim sendo, se faz imprescindível ao analista manter-se tal qual uma bússola, atento à relação com seu analisando e zelando em sustentar sua posição transferencial, pois a clínica contemporânea apresenta desafios significativos aos psicanalistas, sobretudo no modo como se apresentam as demandas em análise.

A ênfase na metáfora de analistas serem espíritos doces aptos a sustentar Eros justifica-se ao salientar a importância de o analista sustentar essa erótica transferencial que acolhe o desamparo gerado pelas urgências de produtividade. Atentar-se a não responder a estas demandas é atuar a subversividade da psicanálise, pois vai justamente na contramão em ceder à demanda de produtividade tão apregoada em nossa civilização atual.

Uma direção de tratamento é psicanalítica quando for sustentada pela transferência, e a clínica psicanalítica enfatiza cotidianamente a relevância em sustentar uma constante reflexão sobre os impactos contemporâneos nas subjetividades. A partir das observações que emergem na clínica, torna-se de extrema importância que o analista esteja advertido quanto aos desafios e dilemas com que pode vir a se deparar em sua escuta clínica, assegurando assim que o trabalho psíquico necessário seja direcionado com acolhimento e comprometimento com a ética da psicanálise.

## Referências

- Baudrillard, J. (2014). *A sociedade de consumo*. Lisboa: Edições 70.
- Birman, J. (2000). Subjetividade, tempo e psicanálise. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 3(4), 11-30.
- Calazans, R. (2023). *O que fizeram da liberdade? Uma análise sobre alguns paradoxos da liberdade e do consentimento no neoliberalismo*. Curitiba: Appris.
- Calazans, R. e Matozinho, C. (2021). *Pandemia e neoliberalismo: a melancolia contra o novo normal*. Rio de Janeiro: Mórula.
- Dowbor, L. (2017). *A era do capital improdutivo*. São Paulo: Autonomia Literária.
- Dunker, C. I. L. (2015). *Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros*. São Pulo: Boitempo.
- Freud, S. (1893-1895). Estudos sobre a histeria. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud Vol. III* (pp. 14-427). São Paulo: Imago, 1996.
- Freud, S. (1913). Sobre o início do tratamento. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud Vol. XII*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. (1915). Observações sobre o amor transferencial. In S. Freud. *Fundamentos da clínica psicanalítica. Obras Incompletas de Sigmund Freud* (pp. 165-182). Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- Han, B-C. (2018). *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas poder*. Belo Horizonte: Ayiné.
- Lacan, J. (1953). *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- Lacan, J. (1959-1960). *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- Lacan, J. (1966). *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- Lacan, J. (2010). *O Seminário, livro 8: a transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lima, C. H. e Moura, F. L. M. (2024). Melancolização como *pathos* do neoliberalismo autoritário. In: R. Z. Lustoza, M. V. F. Cremasco. *Reconstrução do laço social em contextos de desamparo* (pp. 13-38). Porto Alegre: Ed. Fundação Fênix.
- Lustoza, R. Z., Cardoso, M. J. E. e Calazans, R. (2014). “Novos sintomas” e declínio da função paterna: um exame crítico da questão. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, XVII(2), 201-213.
- Platão. (2005). *O Banquete*. São Paulo: Martin Claret.

- Safatle, V. (2018). Em direção a um novo modelo de crítica: as possibilidades de recuperação contemporânea do conceito de patologia social. In V. Safatle, N. da Silva Junior, C. Dunker (orgs.). *Patologias do social: Arqueologia do sofrimento psíquico* (pp.7-31). Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Safatle, V. (2021). A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral. In V. Safatle, N. da Silva Junior, C. Dunker. *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico* (pp. 17-45). Belo Horizonte: Autêntica.
- Safatle, V., Silva Junior, N. da, Dunker, C. (2021). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Vernizi, R. (2019). O mais belo dos ofícios: Lou Andreas-Salomé e a psicanálise. In D. S. Malucelli, R. Vernizi. *Psicanalistas do século XX*. (pp. 13-34). São Paulo: Aller Editora.
- Vernizi, R. (2023). Imperativo da aceleração e suas incidências na direção do tratamento. In F. Furlan (org.). *Palavras freudianas: uma experiência de transmissão da psicanálise no ensino superior* (pp. 5-21). São Paulo: Uiclap.
- Zygouris, R. (2013). A escola da rua. In E. Duvidovich. *Diálogos sobre formação e transmissão em psicanálise* (pp. 50-65). São Paulo: Zagodoni.